

## A SURDOCEGUEIRA E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES PARA FORMAÇÃO E PRÁTICA INCLUSIVA

ENTREVISTA COM WOLNEY ALMEIDA

\*Por: Arthur Vargens



Quando juntamos uma tinta azul com outra amarela, o que temos como produto não é uma tinta com partes azuis e outras partes amarelas, mas uma tinta verde, uma nova cor. É assim que Wolney Almeida costuma explicar a surdocegueira para o público quando este desconhece sobre o assunto. O surdocego é alguém cuja audição não é suficiente para compensar a falta de visão e/ou a visão não é suficiente para compensar a falta de audição. É sobre esse tema, ainda pouco conhecido e pouco estudado no Brasil, que se dedica o trabalho do professor

Wolney Gomes Almeida. Grapiúna, nascido em 29 de agosto de 1984, em Itabuna, cidade polo da zona cacauera da Bahia, Wolney é licenciado em Letras pela Universidade Paulista, e bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). É especialista em Língua Brasileira de Sinais pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá, e em Ciências Neurológicas, Deficiências Múltiplas e Surdocegueira pela Faculdade Cândido Mendes. Desde 2009, é professor efetivo da UESC, atuando na graduação e no Mestrado Profissional em Letras, e onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (GEPEI). Em 2015, defendeu sua tese de doutorado, intitulada *O Guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira*, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. É Autor e organizador de livros sobre estudos surdos e sobre inclusão, como *O Guia-intérprete e a Inclusão da Pessoa com Surdocegueira* e *Educação de Surdos: Formação, Estratégias e Práticas Docentes*, entre outros. Também é coautor do primeiro artigo desta edição, intitulado *A língua de sinais estabelecendo uma intersecção entre a linguística e o ensino de matemática para estudantes surdos*. Sem dúvidas, ainda há muito o que conhecer sobre os estudos surdos e mais ainda sobre a surdocegueira. E é por isso que entrevistamos Wolney Almeida nesta edição.

## 01. Quando e por que começou o seu interesse pelos estudos surdos?

Responder a esta pergunta certamente me oportuniza reviver emoções e rememorar experiências que, ao longo da minha vida, construíram não apenas um pesquisador no campo dos Estudos Surdos, mas, em primeira ordem, uma pessoa sensível às diferenças que nos cercam.

Antes da minha graduação em Comunicação Social, tive minha primeira experiência com pessoas surdas ao assistir um musical de Natal sinalizado apresentado por um coro de jovens e adolescentes surdos em um shopping center na cidade de Salvador, em 1999. Ali fui tomado por um mix de sentimentos e emoções que, certamente, não teria adjetivos neste momento para representar. Em meios às lágrimas daquele momento, o pensamento foi: “Eu preciso aprender ‘isso!’”. Talvez a explicação que cercava este pensamento fosse: “Um dia, alguém vai precisar que eu saiba falar assim”.

Ao iniciar a graduação em Comunicação Social, com um sonho de me tornar jornalista, logo fui levado a me incomodar com a realidade da exclusão social pela qual viviam (e vivem) as pessoas surdas em diversos contextos sociais. As leituras imersas nos estudos culturais de Stuart Hall, Canclini, Homi Bhabha, foram os primeiros fios condutores que me levaram a conhecer os estudos surdos e a contemplar as especificidades identitárias e culturais que nos constituem enquanto sujeitos únicos, singulares e sociais. Costumo dizer que não escolhi a língua de sinais, mas ela me escolheu, para pensar a educação de surdos e o nosso papel enquanto educadores. Daí, fui espontaneamente “roubado” pela e para a educação, sendo então levado a construir todo meu processo formativo no campo dos estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais e a inclusão da pessoa surda.

## 02. Por que a surdocegueira ganhou destaque em seus estudos?

Durante estes quase 20 anos em contato com pessoas surdas e com a Língua Brasileira de Sinais, fui me deparando com situações que foram gerando novas inquietações ao conhecer surdos que apresentavam dificuldade em enxergar; e, certamente, a grande maioria dos intérpretes de língua de sinais e dos professores de surdos já devem ter passado por experiências como esta; mas assim como eu, nunca foram levados a enxergar estes indivíduos a partir de uma especificidade sensorial que geram novas diferenças de comunicação, e, por consequência, novos olhares para o atendimento a este público.

O grande marco que transformou o meu incômodo em pesquisa, foi conhecer uma surda com “dificuldade de enxergar”, que não sabia língua de sinais e que vivia completamente à margem das relações sociais em sua comunidade, dando-me a

oportunidade de apresentar a ela, pela primeira vez, o seu próprio nome. Ao vê-la, entre olhares de estranhamento e de descoberta, aquela jovem surda, sorrindo, (e eu digo que foi o sorriso mais lindo que já vi na minha vida), abriu os olhos para um mundo de identidade e de construção social ao dizer pela primeira vez, conscientemente, “Eu me chamo Maiame”. Ali tive certeza que eu precisava conhecer sobre a surdocegueira, porque “um dia alguém iria precisar que eu soubesse”.

Fui levado, com isso, a desenvolver a minha pesquisa de Doutorado sobre a importância da formação dos profissionais guias-intérpretes pra o atendimento, mediação e proporção de inclusão social das pessoas com surdocegueira.

### **03. Há muitos equívocos sobre a surdocegueira no senso comum? Quais você destacaria?**

Certamente. A surdocegueira é uma deficiência ainda muito pouco conhecida em nosso país. Muito embora não tenhamos um Censo que revele o quantitativo da população surdocega, em consequência do próprio desconhecimento sobre a deficiência, ela existe e precisamos despertar nossos olhares para suas especificidades.

O primeiro e grande equívoco sobre a surdocegueira é o de achar que esta deficiência é a junção da surdez e da cegueira, levando-nos a compreender que as especificidades do surdo aliadas às especificidades do cego irão identificar o atendimento ao surdocego. Costumo usar uma linguagem metafórica para conceituar a surdocegueira: se misturarmos uma tinta de cor amarela a uma tinta de cor azul, qual será a cor resultante desta mistura? Certamente não será uma cor com partes amarelas e partes azuis, não é mesmo? A cor resultante será o verde. A pessoa surdocega é a cor verde desta mistura. Uma cor diferente. Com características diferentes. Com identidade diferente.

Outro equívoco consiste nas formas de comunicação desenvolvidas pelo surdocego. Cada indivíduo revelará a melhor forma de comunicação para ele, a partir das características que acompanham o tempo em que a deficiência foi acometida; a depender de se as duas perdas sensoriais surgiram concomitantes ou em tempos distintos do seu processo de aquisição de linguagem, e, principalmente, do quanto exposto for o mundo e os seus significados para este surdocego durante o seu desenvolvimento social.

### **04. Quais são as características fundamentais para um guia-intérprete?**

O guia-intérprete é aquele profissional que serve de canal de comunicação (audiovisual) entre o surdocego e o meio no qual ele está interagindo, auxiliando no deslocamento do surdocego nos espaços necessários. Assim, ele desempenhará o papel fundamental de

compreender a mensagem em uma língua, extraindo o sentido através do conteúdo linguístico e contextualizar o sentido na língua de destino, acrescentando a contextualização de ambiente e de informações sonoras e visuais que transcendem ao texto. Com isso, cabe ao guia-intérprete, antecipar informações ao surdocego para que este consiga se perceber em todo o contexto de informação e de espaço.

Pode parecer que esta função seja idêntica à dos intérpretes de uma língua de sinais para surdos. A grande diferença é que as formas de comunicação possíveis no desenvolvimento articulatório-perceptual para os surdocegos podem ser variadas, dependendo dos múltiplos fatores que acometem tal deficiência.

Assim, desde formas de comunicação alfabéticas ou não alfabéticas podem ser individualmente desenvolvidas por cada um, sejam elas: alfabeto datilológico tátil, escrita na palma das mãos (ou no dorso do braço ou nas costas, a depender do ponto de sensibilidade de cada indivíduo), o uso do dedo como lápis, braile tátil, uso de pranchas alfabéticas; ou, ainda, com: língua de sinais tátil, língua de sinais em campo reduzido (para surdocegos com baixa visão), uso de recursos tecnológicos em áudio, como aparelhos de FM (para surdocegos com baixa audição), uso de tadoma<sup>1</sup> [ver foto] ou outras formas de comunicação em que cada surdocego pode desenvolver.

Para isso, o guia-intérprete precisará dominar várias formas de comunicação para melhor atender ao público surdocego que apresenta uma diversidade maior no campo da comunicação.

Este profissional precisará passar por uma formação específica, com carga horária destinada aos conteúdos teóricos e práticos, sendo uma exigência para sua certificação, o cumprimento de estágio com pessoas surdocegas.



## **05. O caso de surdocegueira mais conhecido no mundo ocidental é o de Helen Keller. Qual o papel da iconicidade dela para os estudos sobre surdocegueira hoje?**

Certamente, Helen Keller foi, e é, um grande ícone no contexto da surdocegueira e no contexto das pessoas com deficiências de modo geral, até os dias de hoje, principalmente por figurar as possibilidades de desenvolvimento humano, ultrapassando as barreiras sociais que limitam o homem.

Para ela, “nunca se deve engatinhar quando o impulso é voar”. O impulso tomado por

<sup>1</sup> Método em que o surdocego coloca o polegar na boca do falante e os dedos ao longo do queixo para captar a fala pela via tátil.

ela, em se constituir um ser com significados, com identidade, certamente foi um grande motivador para que ela se tornasse uma célebre personalidade e prolífica filósofa, trabalhando como jornalista, conferencista e ativista social; foi também escritora, tendo publicado 12 livros.

A despeito de suas limitações, Helen Keller teve uma vida extremamente dinâmica e produtiva, tendo abraçado causas sociais como a cegueira, o voto das mulheres e dos negros, bem como tendo sido membro do Partido Socialista Americano. Recebeu inúmeras honrarias de instituições como Harvard e outras, da França, Alemanha, Japão, e até do Brasil (Ordem Cruzeiro do Sul). E foi justamente a sua visita ao Brasil, em 1950, que oportunizou os primeiros estudos em nosso país sobre esta área temática.

Contudo, por trás desta grande personalidade, é imprescindível trazermos à visibilidade a brilhante participação de sua professora, Anne Sullivan, que com toda sensibilidade e persistência, acreditou na possibilidade de significado da linguagem e de nos constituirmos atores sociais capazes de dar significados e sermos significantes.

A vida de Helen Keller foi divulgada ao mundo através de uma peça de teatro, posteriormente convertida em filme, denominada *O Milagre de Anne Sullivan*, sobre o qual, convido todos com deficiências a acreditarem nos impulsos que a vida vos oferece, e a todos nós, educadores, para que sejamos os que oportunizem os impulsos necessários para que os voos sejam alcançados por todos.

## 06. Como professor universitário, como você enxerga o espaço para os estudos sobre surdocegueira na universidade hoje?



Como disse anteriormente, ainda somos tímidos na produção científica, resultando em uma baixa produção de materiais em nossa literatura brasileira. A necessidade em conhecermos mais sobre a surdocegueira e de construirmos grupos de estudos e pesquisas que deem conta não apenas da especificidade da deficiência, tem emergido pela necessidade, principalmente, de instrumentalização profissional para que o atendimento educacional seja oferecido de modo mais preciso aos indivíduos surdocegos.

Os cursos de graduação e de pós-graduação merecem ainda ampliar sua grade curricular para que as pesquisas e formação se estabeleçam de forma mais sistêmica e completa. Cito, por exemplo, a necessidade de incluir na grade curricular dos cursos de Letras-Libras, a formação para guia-interpretação (em bacharelados) e de formação para professores-mediadores (em licenciaturas).

Para, além disso, aponto para a necessidade de mais pesquisadores nos espaços acadêmicos em nível de pós-graduação, seja nos mestrados ou doutorados, impulsionando, através da pesquisa, novas práticas e novos saberes.

### **07. Como o cenário político atual do país pode influenciar no tema da surdocegueira e na vida efetiva dos surdocegos?**

A presença e a ausência de políticas públicas que impliquem no processo de atendimento às pessoas com deficiência tem revelado um diagnóstico importante no cenário político atual. Nunca se pensou tanto sobre inclusão, e nunca se instituiu tantas ações em prol do reconhecimento das diferenças sociais. Mas ainda não alcançamos o ideal de atendimento, e, ainda que estejamos caminhando para desconstrução de barreiras programáticas oportunizadas pelas políticas públicas, sinto a necessidade de desconstrução das barreiras atitudinais (conceitos e preconceitos) ainda existentes na sociedade, demarcadas pelas relações de poder(es), estigmatizando as minorias sociais, linguísticas e políticas.

### **08. Quais os principais desafios para os surdocegos na Bahia?**

Sem dúvida, a garantia de direitos que já foram expressos pela Constituição Federal de 1988, quanto ao acesso à educação de qualidade e a garantia de permanência nos espaços públicos e privados.

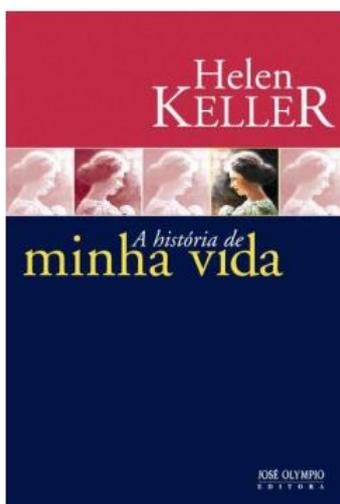
Resultados da minha pesquisa de doutorado revelaram a escassez de formação de profissionais no campo da surdocegueira e da guia-interpretação em nosso estado, ficando este atendimento a cargo das ações voluntárias de intérpretes de línguas de sinais e de instituições religiosas, assim como marca a história também da educação de surdos em nosso país.

Certamente, muitas ações que se desdobram dessas políticas públicas deverão ser implementadas em todas as instituições promotoras de atendimento às pessoas com surdocegueira na garantia de uma real inclusão, que, antes de ser educacional, precisa ser pensada enquanto inclusão social.

Fica-nos dentre tantos ensinamentos dados por Helen Kellen, a declaração dada por ela antes de sua morte aos 88 anos: “Achei a vida tão bela!”

## 09. Que leituras você recomenda para quem quer conhecer mais sobre surdocegueira e para evitar cair nos equívocos de senso comum?

Embora a literatura brasileira ainda apresente tímidas produções a respeito da surdocegueira, convido-lhes a conhecer, em primeira instância, a obra biográfica de Helen Keller, intitulada *A História da minha vida*. Certamente esta obra lhes servirá como um grande motivador para desvendar o universo da surdocegueira.



Não menos importante, e sem querer negligenciar nenhuma das importantes pesquisas que estão se revelando em nosso contexto acadêmico, indico as seguintes leituras:

- MASINI, E. F. S. *Do sentido, pelos sentidos, para o sentido*. Niterói: Intertexto, 2002.
- CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. *Descobrendo a surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos: Edufscar, 2007.
- DORADO G M. *Sistemas de comunicación de personas sordociegas*. Madrid, ONCE, 2004.
- GALVÃO N.C.S.S. *A comunicação do aluno surdocego no cotidiano da escola inclusiva*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- GRUPO BRASIL de Apoio ao Surdocego e ao Deficiente Múltiplo Sensorial. *Folheto Informativo sobre Surdocegueira*. São Paulo, 2003.
- MAIA, S. R. et al. *Sugestões de estratégias de ensino para favorecer a aprendizagem de pessoas com Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial: um guia para instrutores mediadores*. São Paulo: Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e o Múltiplo Deficiente Sensorial/Canadian International Development Agency-CiDA, 2008.
- ROSA, D. et al. *Surdocego póslingüístico*. Série Surdocegueira e Múltipla Deficiência Sensorial. Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, São Paulo. 2012.

E não poderia deixar de estender o convite para a leitura da minha tese de doutorado, intitulada *O Guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira*, defendida em 2015 pelo programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia.

\* As fotos do prof. Wolney Almeida aqui exibidas foram cedidas pelo entrevistado e editadas pela equipe editorial.